



**Faculdade de Educação – FE**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM DAS  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Maria Luísa Rodrigues Amaral**

**Brasília- DF**

2015

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM DAS  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Maria Luísa Rodrigues Amaral**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília como exigência  
parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup>MSc.LiègeGemelliKuchenbecker**

**Brasília- DF  
2015**

**A importância da afetividade para a aprendizagem das crianças na  
Educação Infantil**

**Maria Luísa Rodrigues Amaral**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília como exigência  
parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia.

Defendida e aprovada em: 11 de dezembro de 2015

Banca examinadora composta pelos professores:

---

**Professora Mestre Liège Gemelli Kuchenbecker (Orientadora)**

Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

---

**Professora Mestre Taísa Resende Sousa (Examinadora)**

Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

---

**Professora Mestre Maria Aparecida Camarano Martins (Examinadora)**

Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus que escutou meus apelos e não me deixou perder a esperança de concluir meu curso, à minha família que me ajudou desde o início da minha vida e permitiu que eu estudasse nas melhores escolas para ter um futuro. A minha mãe que acreditou tanto em mim e não deixou que minhas capacidades fossem deixadas de lado por causa da minha insegurança.

Aos meus amigos de fora da universidade que entenderam as diversas vezes que tive que negar convites por conta de trabalhos, provas, monografia e etc. Incentivaram-me a correr atrás e tiveram orgulho a cada semestre que eu conseguia concluir com êxito.

Às minhas amigas de curso Jéssica, Priscilla, Bárbara e minha luz Kerollayne que foram essenciais para a continuação no curso, me incentivaram sempre, me deram colo quando eu pensava que ia perder o controle e nunca me deixaram perder prazos. Obrigada por todas as brigas e por todo aprendizado que vocês me proporcionaram nesses anos. Levarei vocês para a vida inteira.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a minha professora orientadora LiègeGemelli que me acolheu em um momento de desespero e não desistiu de mim, nem mesmo quando eu não estava mais acreditando que conseguiria.

Proporcionou os melhores materiais e mostrou a minha capacidade de fazer um trabalho significativo mesmo com pouco tempo para produção.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta compreender a importância da afetividade na aprendizagem das crianças da Educação Infantil de uma escola particular situada em Brasília, DF. Foram observadas algumas aulas e ao final dessas observações foi feita uma entrevista com a professora regente da turma para debater e analisar o que estava acontecendo na prática. Os resultados dessa análise mostram que é imprescindível a afetividade dentro da sala de aula para que as crianças tenham uma aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Afetividade. Educação Infantil. Crianças. Professor.

## **ABSTRACT**

This final Project has the purpose of demonstrating the importance of the emotional affection regarding children's learning in private Elementary School setting in Brasília, DF. Some classes were observed and at the end of those an interview was conducted with the teacher to discuss and analyze the events of the classes. The conclusion shows that affection will positively impact the outcome of children success in the classroom.

**Keywords:**Affection. Elementary Education. Children. Teacher.



## SUMÁRIO

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO .....	9
Memorial Escolar .....	10
PARTE II- TRABALHO MONOGRÁFICO.....	16
Introdução.....	17
Problema .....	18
Objetivo Geral.....	18
Objetivos Específicos.....	18
1. Desenvolvimento cultural e social das crianças.....	18
2. A infância .....	210
3. Reflexões sobre a educação infantil .....	243
4. A afetividade na infância e na educação infantil .....	287
4.1 Relações Professor-Aluno .....	298
4.2 Relações Criança-Criança .....	332
Metodologia .....	3534
5. Análise das informações.....	35
5.1 Observações das aulas .....	36
5.2 Reflexões sobre as observações .....	39
5.3 Entrevista.....	40
Considerações finais .....	43
PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	44
Perspectivas profissionais .....	45
REFERÊNCIAS.....	46

## **PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL ESCOLAR

Nasci no dia 15 de novembro de 1992 em Brasília e fui logo morar na cidade satélite do Guará. Sou a mais nova de quatro filhos da minha mãe e a mais velha de três filhos do meu pai. Morei com minha mãe e meus irmãos, até os nove anos de idade, e meu pai quando eu tinha oito meses, voltou para a cidade natal dele em Pará de Minas para estudar para concurso público. Quando eu tinha quatro anos ele se casou com a minha atual madrasta e teve mais dois filhos. Atualmente minha mãe é bancária aposentada e meu pai trabalha no Banco Central, em Brasília.

Entrei no mundo escolar em 1995, aos 3 anos de idade. A escola era a Pedacinho do Céu, na turma da professora Ana Rosa, maternal II. Lembro que gostava muito dela pelo carinho que tinha com os alunos e sempre fazia as coisas com amor e paciência e eu não me lembro de nenhuma vez que ela tenha se estressado com algum aluno. Fiz uma amizade com uma colega de turma que dura até os dias de hoje. É uma época que sempre será importante e inesquecível, apesar da idade que eu tinha.

Não me lembro muito bem do meu primeiro dia de aula, mas segundo minha mãe eu peguei na mão da professora e fui contente para dentro da sala, e minha mãe ficou chorando do lado de fora. No final da aula, como eu morava muito próxima à escola, “briguei” com o porteiro dizendo que não havia problemas ir sozinha para casa, já que minha mãe estava atrasada para me buscar e eu não queria esperar.

No jardim II causei uma confusão nessa escola. Como havia muitos alunos, dividiram a turma do ano anterior em duas e a maioria dos meus colegas ficou na classe diferente da minha. Eu chorei e reclamei até que a minha mãe conseguiu conversar com a diretora e finalmente consegui ficar junto com meus amigos. Com isso, os alunos da turma anterior queriam mudar de classe também e eu, com 4 anos, avisei a todos que era só pedir para a mãe ir conversar com a diretora que eles trocavam de classe, só que no fim, ninguém queria ficar naquela primeira, todos queriam ir para a que eu estava porque diziam que era muito melhor. Conclusão: sempre que podiam, as professoras faziam atividades com as duas turmas juntas e eu fiquei sendo vista como a criança formadora de opinião.

Formei-me no Jardim III em 1999 e tive como professoras de alfabetização duas Jaquelines, a Jaque Loira que era mais carinhosa e amorosa e a Jaque

morena, que era auxiliar de turma. Na formatura, fui a oradora da turma e lembro bem dos meus colegas, que eram os mesmos do jardim I.

Permaneci no Pedacinho do Céu até a 2ª série porque mudei de bairro com a minha mãe e tive que mudar de escola. Não me lembro das professoras depois do jardim, mas lembro das avaliações que as professoras faziam eram chamadas de “Momento privilegiado”. Cursei a 3ª e 4ª séries no colégio Pio XII, foi uma época marcante também, pois tive alguns problemas com uma colega de turma e a professora não era tão afetuosa como as que tive anteriormente.

Em 2004 mudamos novamente e dessa vez fui para o Colégio Soma, onde fiquei da 5ª a 7ª série. Tive problemas de disciplina, não gostava de estudar e fiquei para recuperação na 6ª e 7ª série, sendo que na 6ª foram as disciplinas de Inglês e Matemática e na 7ª em todas as matérias. No final do ano não consegui recuperar as duas disciplinas e passei para a 8ª série com dependência em Matemática e Inglês. Foi nessa escola que passei a ter um professor para cada matéria, o que me deixou meio perdida, além de preguiçosa para estudar. Lembro-me bem do professor Arthur de História. Ele era aquele professor amigo de todos os alunos, de todas as turmas, sempre brincava com os estudantes, conversava, dava conselhos e isso era ótimo porque incentivava as boas notas e o interesse no aprendizado. As aulas de que sempre gostei, independente dos professores, eram as de educação física e redação, quando o tema dos textos para serem produzidos eram livres.

A 8ª série eu cursei no Colégio Dromos, na unidade da asa sul e consegui passar, tanto na dependência de inglês e matemática, como na série regular. Tive algumas desavenças com o pessoal da minha turma, mas foi bem importante para o meu desenvolvimento emocional. Eu fazia parte do pessoal da bagunça, em decorrência disso, diversas vezes era expulsa da sala de aula pelos professores e tinha que ir para a coordenação. Também não gostava de fazer deveres de casa, o que acarretava muitos recados para a minha mãe na minha agenda escolar. Hoje em dia, vejo que meus pais me entendiam, sabiam que estava na fase da adolescência, não queria obedecer a ordens, só que não era uma má pessoa. Fui para o 1º ano do ensino médio no Dromos também, só que na unidade do sudoeste. Continuei com o mesmo comportamento, só que faltava as aulas para ficar em casa dormindo, pois descansava muito tarde à noite e não conseguia acordar cedo. O professor que marcou esse tempo de escola foi o Jonathas, de Química. Nunca havia me interessado por exatas, mas esse professor conseguiu, de um modo

afetuoso e engraçado, fazer com que eu aprendesse as fórmulas e a lógica da Química. Nós (alunos) organizamos uma viagem para Pirenópolis - GO, com a turma do 2º ano, uma das melhores viagens que fiz até hoje, e o professor que escolhemos para nos acompanhar foi o Jonathas.

Foi a melhor época de todas, fiz várias amizades que duram até hoje, conheci diversos tipos de alunos de diferentes classes sociais, fizemos festas, participamos de jogos na escola e foi muito legal, nunca esquecerei. E principalmente, foi quando percebi que o professor é o cartão de visita da matéria porque, mesmo que o aluno não goste, não tenha afinidade com determinado assunto, se o professor despertar o interesse dele, esse aluno vai se esforçar. Costumo dizer que não escolhia as matérias, escolhia o professor.

Reprovei no primeiro ano em 2008 e em 2009 continuei na mesma escola refazendo o mesmo ano. Escolhi permanecer no Dromos por ter apego aos professores e funcionários que me acompanhavam há um ano. Minha mãe teve depressão e de abril a junho de 2009 fiquei morando sozinha porque ela foi para o Rio Grande do Norte tentar se recuperar. Quando ela voltou teve o diagnóstico de câncer de mama, foi quando desisti de estudar e meu pai retirou minha matrícula da escola, mas mesmo assim continuei indo ver meus amigos e fazer aulas de educação física, já que eu gostava muito.

Tive muitos problemas de disciplina na adolescência, mas, nunca levei suspensão nas escolas, nem fui convidada a me retirar de nenhuma, pois não faltava o respeito com os professores e a maioria dos funcionários de todas elas, gostavam de mim.

Fiquei oito meses parada, sem estudar e em março de 2010 fui matriculada no Supletivo CETEB, asa sul, para concluir o 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Não levei a sério por muito tempo, só queria saber de “curtir minha adolescência”. Fiz uma terapia com uma psicóloga maravilhosa, mostrou que eu era capaz e que não podia deixar-me influenciar pela insegurança. Logo após a terapia, em agosto de 2011 eu passei no vestibular da UnB e por mérito foi no curso que eu sempre quis: Pedagogia.

Eu passei a me interessar por Pedagogia pela influência de duas cunhadas pedagogas, que sempre foram apaixonadas pela profissão e falavam muito sobre o assunto. Pesquisei algumas coisas sobre o curso durante minha adolescência e por amar crianças, me apaixonei pela profissão também, mas tinha dúvidas entre

Pedagogia e Psicologia. Com o passar dos anos e mais maturidade, percebi que a Pedagogia era mais o meu perfil e então decidi que se um dia fosse fazer faculdade, seria esse curso. O sonho dos meus pais era que eu me formasse na faculdade federal da minha cidade natal, mas confesso que eu nunca achei que seria capaz de passar na UnB. Para mim, era muito mais difícil do que realmente é.

Quando passei no vestibular, terminei as provas de Matemática, Física e Química que faltavam no CETEB no mesmo dia que soube do resultado, peguei meu certificado de conclusão de curso para me matricular na Universidade. Foi quando minha vida mudou da água para o vinho.

Minha relação com a minha família (pai, mãe e irmãos) mudou muito. Ganhei meu carro e conheci um mundo totalmente diferente. No dia que cheguei na UnB para o primeiro dia de aula me dei conta de que o meu futuro estava em jogo, o que me deu medo porque até então nunca havia me preocupado com ele.

No primeiro semestre fiz cinco matérias: Antropologia e Educação, Oficina Vivencial, Investigação Filosófica na Educação, Projeto 1 e Perspectiva do Desenvolvimento Humano. Essa última foi a que eu mais gostei por se tratar de Psicologia, uma área que eu gosto muito e foi importante a introdução que tive nos estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon, autores fundamentais na Pedagogia.

No segundo semestre, em 2012, me ofertaram mais cinco matérias, aceitei todas. Foram elas: História da Educação, O Educando com Necessidades Educacionais Especiais, Pesquisa em educação 1, Organização da Educação Brasileira e Projeto 2. Nesse semestre não teve nenhuma matéria que eu tivesse adorado, mas foi bem interessante o Projeto 2 por se tratar do curso de Pedagogia, das funções do pedagogo e das diferentes áreas que o profissional pode seguir carreira. Foi um semestre muito importante também porque minha sobrinha/afilhada nasceu e me deixou muito feliz, me dando incentivo para estudar bastante.

O 3º semestre começou com 5 matérias mas tranquei uma, a História da Identidade e Cidadania porque achei difícil e a maioria da turma é do 7º/8º semestre. As outras que eu fiz foram: Ensino e Aprendizagem da Língua Materna, que foi bem interessante, Ensino de Ciência e Tecnologia 1, Aprendizagem e desenvolvimento do Portador de Necessidades Educacionais Especiais e Psicologia da Educação, que foi muito boa e mais uma vez tive a prova de que gosto muito da área de psicopedagogia. Fui assaltada no início desse semestre, e por isso, deixei a

Universidade um pouco de lado, pois fiquei amedrontada e frustrada, não gostava de sair de casa sozinha e nem ficar à noite na rua.

O 4º semestre foi muito importante na minha vida porque eu fiz o Projeto 3 intitulado Economia Solidária, no Sol Nascente e conheci uma realidade que até então eu só via na televisão. Aprendi muito com as mulheres de lá e crianças que faziam parte do grupo de trabalho que eu participava. Nós fazíamos dinâmicas com essas crianças para desenvolver a solidariedade entre elas. As outras matérias que fiz foram: Sociologia da Educação, Orientação Educacional e Didática fundamental que é uma matéria muito importante para a prática docente.

Ainda no 4º semestre tive a “crise do meio do curso”. Não sabia o que queria, fiquei com medo de me formar, pois não sabia o que faria quando me formasse, mas deixei essa crise de lado e continuei o curso sem ligar para os meus fantasmas. Comecei meu primeiro estágio. Foi no Banco BRB como auxiliar de pessoa jurídica. Eu fazia contratos para empresas e organizava arquivos. Apesar de não ter nada a ver com o meu curso da Universidade foi um período importante e de muitos aprendizados e crescimentos, sociais e emocionais.

Cheguei ao 5º semestre e fiz cinco matérias novamente: Processo de Alfabetização, Educação Matemática 1, Avaliação das Organizações Educativas, segunda fase do Projeto 3 ainda no Sol Nascente e a História da Educação Brasileira.

O 6º semestre foi bem importante por ter sido a primeira fase do Projeto 4, que é o estágio obrigatório. Fiz em uma escola pública no bairro Guará e vi a realidade de uma professora que tinha alguns alunos com dificuldades de aprendizagem, porém, ainda não haviam sido diagnosticados e conseqüentemente não possuíam acompanhamento individual. As outras matérias que fiz foram obrigatórias e importantes: Filosofia da educação, Políticas Públicas, Orientação Vocacional e Educação em Geografia, que por alguns décimos foi a primeira matéria que reprovei, mas serviu de aprendizado e no semestre seguinte, cursei-a novamente e passei com êxito.

No 7º semestre fiz duas matérias que adorei, Educação de Jovens e Adultos e Educação Infantil. As disciplinas foram bem divertidas, li ótimos textos e aprendi muito. Nesse semestre fiz História da Identidade e Cidadania que foi a que eu tranquei no 3º semestre e achei que valeu a pena ter esperado, pois tive uma

aprendizagem significativa sobre o assunto. Fiz também a segunda fase do projeto 4, Computadores na Educação e Avaliação das Organizações Educativas.

O 8º semestre foi o penúltimo, minhas amigas de curso se formaram. Senti-me pressionada por mim mesma para formar o mais rápido possível e com isso me cobrei bastante, tive algumas crises de estresse, mas consegui manter a autoconfiança. As matérias que fiz foram: Educação e Trabalho, que foi bem legal por falar da relação entre esses dois e o quanto são importantes para o desenvolvimento humano; Uso de TV/vídeo na escola que ensinou de que forma as mídias podem ser usadas em sala de aula como instrumento de trabalho do professor; Literatura e Educação; Fundamentos da Linguagem Musical na Educação que foi uma matéria muito divertida, interessante e estimulante; a matéria optativa de Projeto 3 fase III; e, Seminário sobre Trabalho Final de Curso que foi onde desenhei meu projeto de TFC e soube com certeza o assunto que queria defender.

Também no 8º semestre fiz um estágio muito curto em uma clínica de apoio escolar e psicopedagógico no Sudoeste. Eu acompanhava crianças do 2º ao 4º ano com dificuldades de aprendizagem e indisciplina. Fazia atividades nos cadernos, deveres de casa que a escola passava e revisões para as avaliações. Gostava bastante e foi como um “banho de água fria” quando fui desligada da empresa, pois não me deram a chance de corrigir meus erros nem valorizaram o trabalho e esforço que eu estava fazendo. Fiquei frustrada e muito triste durante alguns meses.

Em algum momento da minha vida, não sei ao certo qual, passei a ser uma menina muito insegura e tímida. Morria de vergonha de tudo, desde responder perguntas na frente da turma, apresentar trabalhos de classe, até a fazer esportes coletivos. Os professores afetuosos que tive foi de extrema importância. Com o afeto e paciência deles eu conseguia fazer as atividades propostas expressando minhas ideias sobre o assunto de maneira clara e criava mais confiança em mim mesma, acreditando que sou capaz.

Com isso, não vi oportunidade melhor para estudar a importância da afetividade na aprendizagem do que no meu Trabalho de Conclusão de Curso. E agora estou aqui para investigar e ver se o que eu senti durante minha vida em relação aos professores tem fundamento teórico ou não, ou se é apenas uma questão pessoal.



## **PARTE II-TRABALHO MONOGRÁFICO**

## INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto teórico que o ser humano é social por meio das experiências históricas e culturais, com crenças, sentimentos e emoções. Desde o nascimento já faz parte de uma sociedade, convive com um grupo de pessoas que se diferem uns dos outros e a interação com essas pessoas é que faz com que o sujeito aprenda e se desenvolva.

Consideramos que nessa interação o afeto é um elemento muito importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano. Ele começa em casa, nas relações familiares e na escola, onde o professor passa a ser o principal mediador desse desenvolvimento na relação de ensino e aprendizagem.

A interação da criança com a sociedade faz com que ela aprenda a cultura já existente e se desenvolva de acordo com as suas vivências. E essa interação com as pessoas é uma mediação e internalização da aprendizagem e da construção dos conhecimentos.

A relação da criança com o objeto pode permitir conhecê-lo e a partir da sua interação faz suas próprias interpretações. Essas interpretações são mais significativas com o mediador, o professor ou os responsáveis (pais ou cuidadores), os quais possibilitam que haja apropriação da cultura a partir do objeto de conhecimento.

Defendemos com isso, que toda aprendizagem é repleta de afetividade, visto que ocorre a partir da interação com o meio social, como essa não está ligada somente ao desenvolvimento cognitivo da criança, mas também ao desenvolvimento social, pois, para a aprendizagem ser considerada significativa e completa o aluno deve ser autônomo e crítico.

Assim sendo este trabalho tem como objetivo compreender a importância da afetividade para a aprendizagem das crianças na Educação Infantil e para tanto, os assuntos tratados serão: os pensamentos de autores sobre a criança e seu desenvolvimento, a afetividade dentro de casa e na escola, a aprendizagem na Educação Infantil e as relações existentes com o professor e os colegas.

A pesquisa foi feita em uma escola privada num bairro nobre de Brasília, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio, crianças a partir de 1 ano de idade. Acompanhei a turma do Pré II com alunos da faixa etária entre 5 e 6 anos. Realizei uma entrevista com a professora dessa turma a fim de analisar a importância da

afetividade no processo de aprendizagem, formando alunos autônomos, críticos e sociáveis.

## **PROBLEMA**

Qual a importância da afetividade para a aprendizagem das crianças na Educação Infantil?

## **OBJETIVO GERAL**

- Compreender a importância da afetividade na aprendizagem das crianças na Educação Infantil.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar a importância da afetividade no processo de aprendizagem das crianças em uma turma da Educação Infantil;
- Perceber como é constituída a relação professor criança no processo de ensino e aprendizagem;
- Compreender como se dá o processo de desenvolvimento das crianças a partir das relações afetivas que se constituem no âmbito da escola infantil.

## 1. DESENVOLVIMENTO CULTURAL E SOCIAL DAS CRIANÇAS

Alguns autores que estudavam sobre o desenvolvimento da criança vão orientar essa leitura. Eles trazem grandes contribuições para a compreensão de como acontece a constituição do sujeito dentro de uma cultura e como se dá o desenvolvimento dele a partir da infância.

O desenvolvimento infantil decorre das trocas recíprocas que são estabelecidas durante a vida entre a criança e o meio em que vive. Esse desenvolvimento é de acordo com a natureza biológica e as interações gerais com a sociedade em que está inserida.

Para Lev Vygotsky (1896-1934) autor russo, a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural e não uma formação natural biológica. Essa construção se dá através do uso de signos e ao emprego de instrumentos que foram construídos dentro de um contexto social determinado.

A apropriação da linguagem do seu grupo social feita pelas crianças, é o processo mais importante no desenvolvimento e é um dos signos que são usados para a introdução na sociedade. Através da linguagem, elas conseguem se apropriar das culturas presentes no seu meio social e estabelecer um sentido próprio. Oliveira (2002, p. 129) ressalta que:

A emergência da linguagem verbal, de um agir comunicacional, vai regular a atividade da criança pelo estabelecimento, por parte dos parceiros, de um acordo sobre os objetivos e as formas de ação, que podem ser então planejados e avaliados, tornando-se mais complexos. A aquisição de um sistema linguístico dá forma ao pensamento e reorganiza as funções psicológicas da criança, sua atenção, memória e imaginação.

Essa inclusão das crianças na cultura do seu meio constitui seu desenvolvimento e interação com a família, escola, outras crianças, professores e etc. Vygotsky (1994) destacava ainda que as interações sociais trazem a mediação e internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem e defende também, que a construção do conhecimento se dá a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas, como foi citado acima.

Para alguns estudiosos, o desenvolvimento não é somente emocional, mas também cognitivo. Esse desenvolvimento cognitivo depende do afetivo e vice-versa,

pois eles se complementam. Vygotsky enfatiza que para o desenvolvimento das funções mentais acontecer, o aprendizado é um aspecto necessário e fundamental nesse processo:

Apesar de, em parte, um percurso de o desenvolvimento ser definido pelo processo de maturação do organismo, é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que dependem da interação com o ambiente cultural. (KOHL, 1991, p.35 *apud* SILVA, 2001, p.6).

Nessa perspectiva o francês Henri Wallon(1879-1962) não pensa tão diferente de Vygotsky, já que ele também considerava o desenvolvimento infantil um resultado de duas histórias, que envolvem as condições e as sucessivas situações que a criança se insere.

Para ele cada criança constrói seu pensamento enquanto sujeito de acordo com as experiências, superando seus limites e constituindo uma ligação momentânea com os que estão a sua volta. E a imitação é um dos meios que elas encontram para se identificarem com os parceiros e se diferenciar deles, pois, ao imitar, a criança mostra que interiorizou o modelo e consegue reproduzir da sua maneira. A autora Oliveira(2002, p. 131) enfatiza que:

[...] isso aparece com clareza nas brincadeiras de faz-de-conta. Nelas, ao imitar a mãe, dando de comer a uma boneca, exterioriza gestos e verbalizações percebidos em sua experiência pessoal. Como a mãe não está presente na brincadeira, a criança utiliza-se de uma imagem do papel de mãe para poder atuar.

Outros pensadores, mais antigos, como Rosseau e Pestalozzi falavam de outra área da educação infantil, defendendo a autonomia e a criatividade da criança. Jean Jacques Rosseau (1712-1778) defendia uma educação não orientada por adultos, o importante segundo ele era o resultado do livre exercício das capacidades infantis, fazendo com que a criança aprendesse o que era capaz e não o que lhe era imposto.

O seguidor de Rosseau, Johann Pestalozzi (1746-1827) considerava que a força da educação era cuidar do desenvolvimento afetivo da criança desde o nascimento dela, com amor e bondade.

## 2. A INFÂNCIA

A criança nos dias de hoje, é vista como um ser históricocultural com direitos e capazes de se relacionar com o outro, sendo que essa relação ajuda a formar a personalidade e o caráter delas futuramente.

A infância é vista como uma fase onde os indivíduos precisam de proteção por ter menos maturidade e força que os adultos. Essa etapa da vida deve ser analisada interpretando as crianças como atores sociais de pleno direito e que usam o mundo com múltiplas interações simbólicas e signos como, por exemplo, a linguagem, para socializarem entre si e com os adultos.

A vulnerabilidade da criança é acentuada e tem a ver com a necessidade de atenção emocional e sócio emocional, não só porque nessa etapa de desenvolvimento os aspectos emocionais possuem um papel fundamental, mas também porque constitui uma base para qualquer progresso nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil.

A cultura da infância é a junção da cultura dos adultos com as representações feitas pelas crianças. Elas são produtoras desta e não apenas receptoras das adultas, interpretam o que lhes é passado de forma própria e reproduzem de acordo com o seu entendimento.

Ao nascer, o bebê é incluído em um determinado grupo cultural e tem que se adaptar a esse ambiente, mas também constrói sua própria história, tem suas próprias experiências e a medida que vai crescendo em meio a esse contexto, contribui para as transformações da cultura do mesmo. A cultura é algo que está em constante transformação e mudança.

O importante é considerar a criança como ser externo do contexto social, que vive, recria e absorve da maneira que ela entende, influenciando a sociedade e sendo por ela influenciada.

A infância é vista por alguns autores como um período de teste para o futuro, uma espécie de treinamento para a vida adulta, como diz Tosatto e Portilho (2014, p.166): “o período da infância é visto como um treinamento para o futuro, um estágio probatório, formativo, como um tempo de passagem.”

O mundo da criança assim que ela nasce já tem presente sistemas simbólicos socialmente elaborados, como por exemplo, as regras e leis e, especialmente o

sistema linguístico que elas precisam se adaptar de alguma forma para que possam conseguir viver em sociedade e entender o mundo do qual fazem parte.

Esse processo de aquisição e entendimento da linguagem acontece durante um período da vida, principalmente na educação escolar infantil, e garante a transformação das significações sociais culturalmente construídas.

As crianças constroem seus conhecimentos sociais de acordo com a comunidade em que vivem e com os recursos criados por esse ambiente para a aprendizagem acontecer.

Apesar do desenvolvimento da criança ser voltado para a sua autonomia, é importante ressaltar que isso não quer dizer que a criança tenha que ser totalmente independente, pois ela sempre vai depender do outro para que haja interação e relações afetivas não podendo viver sozinha.

De acordo com Mendonça e Tavares (2010, p.9):

A relação afetiva ou relação de apego, como pode se chamar também, vai sendo edificada desde a primeira infância e vai sendo elaborada durante toda a vida. A autora ressalta, ainda, sobre a necessidade de estarmos atentos para a construção dos vínculos afetivos das crianças, dos educadores e das famílias, principalmente durante o período de adaptação na instituição.

As crianças são totalmente ativas, nascem preparadas para viver em sociedade e tornam-se cada vez mais competentes. Com essa vivência no meio social, ela participa das mudanças que acontecem no contexto histórico e das experiências que ocorrem no meio em que vivem.

Mendonça e Tavares (2010, p. 11) enfatizam que:

A criança simboliza em sua plenitude e ingenuidade, a esperança e a certeza de que nasce uma espera e consolida-se um tempo, crer no poder da educação é transformar, é acreditar que educamos o ser para si e para o seu meio, capacitando-o assumir a vida e buscar a verdade, receber e doar amor.

A criança é compreendida por algumas pessoas como um ser social, protagonista de suas ações, orientada para a formação de vínculos afetivos, para a construção de conhecimentos. O desenvolvimento da criança se dá através do contato com outras crianças e com os adultos.

A criança é um ser pensante que se forma a partir do biológico e do inconsciente social atuando juntos. Essas condições oferecem a ela um meio de se comunicar e interagir com a sociedade, mas a sociedade também oferece exigências para que essa interação aconteça, já que a sociedade é feita de leis e regras de convivência. Essa relação da criança com o outro é complementar e recíproca.

É importante ressaltar que no processo de construção de personalidade da criança, as reações infantis ao que o professor está trabalhando dentro da escola, podem ser negativas e agressivas dependendo do ambiente em que vivem e com o que estão acostumados a ver. Muitas vezes o adulto compreende as reações das crianças como teimosia e não percebe que elas podem estar exteriorizando as emoções que dispõem no momento, como por exemplo, agressividade, desrespeito com o próximo, desobediência, raiva, tristeza e etc.

Apesar de algumas teorias dividirem o desenvolvimento infantil por faixas etárias, essa não acontece tal e qual são apresentadas. Esse desenvolvimento depende de cada criança e da afetividade presente na vida de cada uma. Às vezes, uma criança pode estar atrasada ou adiantada no seu nível de desenvolvimento de acordo com o nível apresentado por teóricos, mas isso não quer dizer que o desenvolvimento esteja errado, só mostra apenas que cada um tem seu tempo.



### 3. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

A fim de refletir sobre a educação infantil, retomaremos brevemente, a história do sentimento da infância a partir das contribuições de Ariès.

O pesquisador francês Philippe Ariès (1981) preconiza que até o século XII a duração da infância era pequena, pois era somente o período mais frágil em que a criança necessitava de cuidados indispensáveis a sua sobrevivência.

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança e o adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais deles. (ARIÉS 1981, p. 156 *apud* MARTINEZ e PEDERIVA, 2014, p.86)

Mais à frente, no século XIII surgiu o “sentimento superficial da infância” que era voltado para os primeiros anos da criança, quando era vista como forma de distração para família, algo “engraçadinho”. A partir daí iniciou um novo sentimento da infância, onde a criança era uma fonte de relaxamento para a família.

Por volta do século XVII, a infância que era considerada como algo sem importância, passou a ser vista como uma fase que necessita de um tratamento especial e diferenciado. É nesse momento que os cuidados com a higiene e a saúde passam a ser algo necessário, pois até então o índice de mortalidade infantil era grande e considerado natural.

Mais adianteno início do século XVIII, foi percebido que a educação é muito importante para o desenvolvimento social e a criança passou a ser vista como um ser que necessitava de cuidados para ingressar no mundo adulto e, a escola passou a ser um instrumento fundamental nessa caminhada para a sociedade.

Com o passar do tempo as leis educacionais começaram a ser impostas e em 1934 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi criada e regulamentada em 1961. No Artigo 30 dessa primeira versão da Lei diz que, há “[...] obrigatoriedade de matrícula nos quatro primeiros anos do Ensino Primário”. Com isso, a hierarquia que existia das classes nobres para as classes mais baixas foi diminuindo até chegar aos dias de hoje, na qual educação é direito de todos.

Hoje em dia na LDB, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica que é composta por: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

No capítulo II da LDB, artigo 29, a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Na educação infantil, é comum encontrar professores que veem as crianças como seres puros, que nascem bons e a sociedade é que os corrompe de acordo com a vivência que tem ao lado dos seus responsáveis.

Segundo Zabalza (1987, p. 51-52):

Essas relações com os diferentes contextos da vida- contextos onde intervém o pensamento, o sentimento, a motricidade, contextos que não são delimitações disciplinares da realidade- implicam que a criança se apresenta como um projeto, como um conjunto de necessidades de todo o tipo cuja resolução a escola joga, na nossa sociedade, o papel primordial juntamente com a família.

É importante para a criança vivenciar ideias no nível simbólico para compreender o significado na vida real, e isso acontece por meio das brincadeiras. Normalmente as brincadeiras só são levadas em consideração na Educação Infantil e isso não deve ocorrer somente nessa etapa, e sim, durante todo o período infantil, no qual engloba também os anos iniciais. Através das brincadeiras, grande parte do desenvolvimento significativo da criança.

As brincadeiras são importantes para que a criança se sinta parte do contexto e não somente um objeto no processo de aprendizagem, faz parte do período da infância e da cultura infantil. Ao brincar ela se desenvolve e aprende a lidar com outras culturas apresentadas por outras crianças.

É importante que a criança seja autora das próprias brincadeiras, que ela possa manifestar sua cultura. Na fantasia, ela coloca significado nas coisas de acordo com a sua interpretação, isso revela a capacidade de invenção e criação enquanto reprodutora e produtora de cultura.

Na brincadeira fictícia a criança constrói o intelectual/cognitivo, desenvolve o abstrato e se livra dos objetos concretos, fazendo com que todo o simbolismo

produzido durante uma brincadeira seja a base para o desenvolvimento das combinações intelectuais.

As atividades lúdicas ajudam no desenvolvimento psíquico da criança e o trabalho do mediador estimula o processo de ensino e aprendizagem além de permitir que o aluno amplie suas formas de pensar, seus conhecimentos e refletir sobre a atividade proposta.

A partir dessa mediação do professor nas atividades lúdicas, os alunos passam a ser capazes de criar e produzir com o que lhes é proporcionado na escola, desenvolvendo-se de forma multilateral nesse processo.

O desenvolvimento das crianças é feito através de uma construção coletiva. Os professores da educação infantil devem optar por privilegiar a organização de contextos de atividades que façam com que a criança desenvolva sua inteligência e sentimentos de expectativa, esperança, conceitos, entre outros.

O professor precisa saber que a interação social é fundamental para que o desenvolvimento e aprendizagem das crianças se tornem significativas. A partir da interação, a criança desenvolve diversos sentidos que sozinha não seria possível.

As crianças até os 6 anos de idade estão fazendo suas primeiras aproximações com o mundo, com o conhecimento, com a cultura e aprendendo sobre si e sobre os outros. Como professor, é necessário ajudar as crianças a experimentar o mundo e traduzi-lo de forma que se torne mais compreensível, dando a oportunidade de utilizarem o espaço para transformar e criar suas produções.

O período de adaptação da criança na escola não é algo estático, é um processo que pode demandar tempo, depende das relações interpessoais e afetividade que vão sendo estabelecidas. Nesse período, as relações afetivas são muito importantes, pois as crianças precisam sentir que fazem parte daquele contexto educacional, e nesse momento o olhar atento do professor é primordial para perceber se de fato a criança está criando vínculos ou não com o ambiente escolar.

A Educação Infantil não deve ser uma introdução para o Ensino Fundamental, e sim deve se constituir como um espaço para a inserção do aluno no mundo social e cultural, que tem como foco a criança em si mesma e a diversidade das capacidades e necessidades. O objetivo é diminuir a influência exclusiva da família e promover a socialização com outras crianças da mesma idade.

A organização do espaço da sala de aula e das atividades feitas pelos professores, como uma sala com brinquedos, poucas mesas e carteiras, sem muitos livros didáticos e mais livros de histórias infantis, brincadeiras direcionadas para o desenvolvimento e conhecimento de algum objeto, precisa ser de acordo com as necessidades das crianças, pois é assim que se salta e enriquece o desenvolvimento da sua personalidade, da segurança afetiva, da consciência e autoestima.

#### 4. A AFETIVIDADE NA INFÂNCIA E NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Defendemos que a afetividade é fundamental na vida humana para a constituição de sujeitos mais saudáveis, autônomos e capazes de tomar decisões que sejam melhores para si e para o mundo que está a sua volta.

Antes de construírem a lógica narrativa, as crianças constroem uma lógica na ação por meio de estratégias não verbais. O afeto é um regulador dessas ações, ele influi na escolha ou na rejeição de determinados objetivos e elementos por parte da criança. Além disso, o afeto incide também, na expressividade e na exteriorização de alguns estados emocionais do indivíduo.

Essa afetividade entre as crianças e as pessoas do seu entorno tem importância tanto para a perspectiva sócio-histórica como para o desenvolvimento psicológico.

A criança é um indivíduo complexo, dotado de afeto, emoções e sentimentos que podem ser negativos ou positivos. Esse afeto e sentimentos influenciam posteriormente na personalidade do adulto que se formará.

Nesse processo de desenvolvimento infantil, não é só a criança que se modifica, os adultos e as demais crianças que estão na interação também se desenvolvem e o aprendizado acontece.

No começo da vida, o afeto está totalmente ligado ao fator orgânico, mas depois passa a ser influenciado pela ação da sociedade. Quando a criança apresenta perturbação afetiva por alguma razão, a área cognitiva dela acaba sendo afetada inevitavelmente, já que o afeto é algo fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo.

Nas escolas, as crianças que são carentes de afeto em casa, precisam encontrar um ambiente oposto ao que vivem, que seja favorável e mostre que ela é capaz de reverter os sentimentos de frustração, tristeza, baixa auto-estima, etc. e despertar outros como, carinho, confiança, alegria, segurança e etc.

Na relação adulto-criança o adulto é o apresentador do mundo, pois ele tem um nível de percepção da sociedade maior e é mais experiente, é um sistema mais unidirecional do que a relação criança-criança, em que as duas têm maior liberdade de expressão e o mesmo nível de percepção do mundo. Porém, é importante destacar que todas essas relações são fundamentais para o desenvolvimento, pois

elas se complementam e fazem com que a criança forme sua personalidade de acordo com o contexto social em que está inserida.

A afetividade ocupa um lugar privilegiado no desenvolvimento psíquico e motor das crianças, ela é a base para as atividades intelectuais e pode ser vista de diferentes perspectivas.

Para Mendonça e Tavares (2010,p.10)

[...] o afeto é imprescindível desde a concepção da criança, como também no decorrer da existência, perpassando pelo percurso de sua escolaridade, é inerente ao ser humano, independente de sexo, etnia, ou condição social.

A relação social, linguagem, inteligência e o pensamento vão se formando interdependentemente e promove o conhecimento das crianças, tendo a afetividade como principal condutora para essa construção.

É importante que o professor da Educação Infantil tenha um amplo conhecimento sobre a afetividade, pois cabe a ele identificar os alunos que necessitam de afeto e encorajá-los a superar esse obstáculo, desenvolvendo, por exemplo, atividades que incentivem suas capacidades e habilidades, e assim promovam a autoestima e autoconfiança.

#### **4.1 Relações Professor-Aluno**

Os vínculos entre a criança, o professor, colegas e objetos de conhecimento depende do tipo de afeto existente que pode ser positivo ou negativo e esse afeto motiva as ações infantis. As motivações para aprender aparecem de acordo com a vontade da criança em satisfazer suas necessidades.

O professor não pode atuar com objetos e materiais destinados ao desenvolvimento infantil, senão conhecer as necessidades e capacidades de seus alunos, o que depende muito dos significados que elas atribuem à situação vivida. Esse deve conhecer o potencial de aprendizagem da sua turma através das atividades realizadas dentro de sala de aula.

O educador da criança pequena necessita de um saber-fazer que reconheça a vulnerabilidade social das crianças, suas competências sociopsicológicas que se manifestam desde a mais tenra idade até suas formas mais precoces de comunicação.

O educar não é somente ensinar conteúdos e mostrar caminhos que o professor considere mais correto e sim ajudar a criança a tomar decisões, a ter consciência de si mesma, dos outros e da sociedade em geral.

Os professores da educação infantil possuem uma preocupação maior do que os docentes de outros níveis educacionais, por causa dos cuidados que as crianças necessitam ter: higiene, bem-estar, segurança, além da preocupação com a educação em si. E com isso, estende o papel de educador ao cuidador, porém, não gostam que se refiram a eles dessa forma e sim que sejam chamados de professores ou educadores infantis.

Esse docente necessita um saber-fazer que incorpore ao mesmo tempo a sociedade como um todo, com suas dificuldades e facilidades e a vulnerabilidade das crianças, de forma que essa mediação seja significativa e não comprometa a vivência delas na sociedade.

A educação infantil também exige dos professores uma interação maior, não somente uma exposição de conteúdos, o professor precisa sentar com as crianças, participar das brincadeiras, ouvir as opiniões dos alunos. É preciso promover uma integração dos serviços escolares entre crianças e suas famílias, como atividades em conjunto, reuniões junto com as crianças, além da interação com os parceiros, auxiliares e ajudantes de classe. Isso tudo é muito importante para que o trabalho pedagógico tenha uma progressão significativa dentro e fora da escola.

Oliveira-Formosinho (2008, p. 49) relata que:

O desenvolvimento profissional é uma caminhada que envolve crescer, ser, sentir, agir. Envolve crescimento, como o da criança, requer empenho, com a criança, sustenta-se na interação do conhecimento e da paixão. Cultivar as disposições para ser, saber, sentir e agir, em contexto, é um desafio que requer processos de sustentação, colaboração, pois não se faz no isolamento.

A sala de aula deve ser um local acolhedor e agradável, e o educador não pode usar de autoritarismo porque gera desinteresse, baixa autoestima, tristeza e outros sentimentos negativos, o que pode causar problemas no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

As crianças necessitam de uma figura para construir limites. Tendo em vista que, autoridade é diferente de autoritarismo, uma é o avesso da outra. Segundo Sousa (2014), no autoritarismo usa-se a força, a negligência e o abandono para se

manter no poder. “O ambiente é o principal elemento de determinação do desenvolvimento humano” (OLIVEIRA, 2002, p. 125). Ou seja, se o aluno não se sentir à vontade dentro da sala de aula o desenvolvimento não acontecerá de forma plena.

A escola é um lugar privilegiado para a socialização, pois as relações afetivas possuem substancial valor. O grande desafio do professor é entender e enxergar o aluno em sua totalidade e concretude.

Se o professor demonstrar pouca afetividade em relação aos seus alunos, poderá desencadear um sentimento de menos-valia nas crianças a sua volta em sala de aula e assim transformá-los em sujeitos introspectivos, desinteressados, estressados, com baixa autoestima, raiva, etc. E nesse sentido, os pais precisam estar atentos às mudanças de humor dos filhos quando retornam da escola.

O professor é uma peça fundamental no desenvolvimento de seus alunos, pois ele é capaz de construir o conhecimento de forma dialógica no contexto escolar. É no processo pedagógico e na relação professor-aluno que, o cognitivo, a afetividade e o desejo se articulam, confrontando com as dificuldades e construindo infinitas possibilidades de aprendizagem.

Outro grande desafio dos professores é saber em qual nível de desenvolvimento o aluno está, pois não adianta direcionar uma atividade para uma criança que não está apta a realizar determinada tarefa mesmo com a ajuda de um adulto, e depois achar que o aluno não é capaz e desistir de investir naquela construção do conhecimento. Mas será que existe idade certa para cada nível de desenvolvimento?

Os professores precisam ficar muito atentos à forma como os alunos pensam. Necessitam ter cuidado, focar principalmente nos resultados positivos que são apresentados por eles e se preocupar em atuar na construção do desenvolvimento através das brincadeiras, jogos e atividades direcionadas e livres.

A postura do professor em sala de aula revela suas crenças, intenções, valores, sentimentos, desejos e afeta individualmente cada aluno e influencia na aprendizagem que este tem através do trabalho do docente. Essa relação dura para além dos muros da escola, pois podem deixar marcas nos alunos por toda a vida.

Os professores que conseguem diminuir e tranquilizar os alunos que sentem medo, angústias, ansiedade e frustração, incidem na aprendizagem, redução e



eliminação desses sentimentos negativos, destravando o desenvolvimento cognitivo que acontece em conjunto com o desenvolvimento emocional da criança.

Nem sempre as relações professor/aluno são harmônicas e cheias de afeto positivo. O professor tem que saber mediar quando as relações não estiverem tão afetuosas conforme o esperado. E o educador deve encontrar caminhos para que esses sentimentos de desafetos não atrapalhem o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Como diz Mendonça e Tavares (2010, p.9): “[...] o papel do educador é diferenciado, ele prepara o microuniverso onde as crianças buscam, estabelecem vínculos construindo um conhecimento progressivo envolvente”. Por isso, é tão importante que o professor saiba lidar com os diversos tipos de sentimentos dos seus alunos, pois é ele que prepara a criança para a construção do conhecimento.

Todas as palavras ditas pelo professor em sala de aula têm grande influência na vida de todas as crianças, mesmo que não sejam perceptíveis, suas palavras podem ser devastadoras e desestimuladoras ou engrandecedoras e enriquecedoras de incentivos positivos.

A ligação entre professor-aluno-conhecimento traz e revela uma determinada concepção de ensinamento e aprendizagem, que refletem uma determinada concepção de aluno, professor e de escola. É importante destacar que essa relação professor-aluno-conhecimento, constituída pelo protagonismo compartilhado entre professor e crianças na Educação Infantil, concebe o ensino e a aprendizagem como um processo de relações constituídas nesse triângulo pedagógico.

Os professores são os protagonistas na ação educacional e estimulam as crianças a se expressarem. As crianças também exercem protagonismo, ou seja, compartilham o mesmo em conjunto com os professores. Os professores ajudam os alunos a se organizarem e a reivindicarem seus direitos, e os auxiliam para que não precisem constantemente do apoio do educador para aprender e realizar conquistas. E assim, esses benefícios podem ser estendidos e utilizados em outros contextos e relações no âmbito escolar e na sociedade.

Com a perspectiva do protagonismo compartilhado de professor e aluno, tenta-se resgatar a ideia de educadores e educandos competentes e potentes que na Educação Infantil é possível de ser compartilhado, e descobrem que também um pode apreender muito sobre a vida do outro. Esse compartilhar de conhecimentos e

protagonismos é um jeito de ser e compreender a interdependência entre si, o mundo e os outros.

#### **4.2 Relações Criança-Criança**

É importante para o desenvolvimento infantil que a criança tenha contato com outras crianças, para a descoberta do carinho, amizade, simpatia e curiosidade entre elas.

O convívio entre as crianças estimula a manifestação dos saberes já adquiridos anteriormente ao ingresso na escola infantil, auxilia na construção de um conhecimento partilhado, incentiva a criação de símbolos e inovação de interesses. Cada ideia que é adquirida e passada de uma criança para a outra é levada adiante com algumas modificações.

O trabalho com crianças em pequenos grupos ajuda a desenvolver a iniciativa, criatividade, como contrapor-se diante dos colegas, a ser dependente e independente, líder, seguidor, a discernir o que é verdadeiro e o que não é, ou seja, auxilia no crescimento pessoal. Esse desenvolvimento não é possível se a relação for só adulto-criança.

Na relação criança-criança as brincadeiras de faz de conta tornam-se real no mundo delas, é quando conseguem exteriorizar o que vivem dentro de casa com a família e o que aprende dentro da escola, tanto positivamente quanto negativamente.

A convivência com outras crianças faz com que seja possível uma construção compartilhada, como diz Rodrigues (2009, p.8): “[...] na convivência com pares da mesma idade há o processo de construção compartilhada da noção de si e da individualidade dos outros”.

Na escola, mais especificamente na Educação Infantil, as crianças têm a oportunidade de brincar em grandes grupos e é assim que desenvolvem o espírito da coletividade, visto que com o desenvolvimento tecnológico, as crianças estão cada vez mais isoladas e brincando sozinhas com seus aparelhos eletrônicos.

O docente é o mediador das relações aluno-aluno e aluno-objeto de conhecimento. Ele é o facilitador do acesso da criança à cultura do grupo e a interação direta com outras crianças, de forma que desenvolvem relações sociais e apreendem através do contato com os objetos de conhecimento.

É importante e interessante explorar o agrupamento de crianças com faixas etárias e fase de desenvolvimento diferenciadas em brincadeiras como faz-de-conta, pois, esses momentos são uma ótima oportunidade para elas ampliarem uma série de habilidades e competências.

## **METODOLOGIA**

Para atingirmos objetivos desse trabalho, inicialmente, foi estudada a bibliografia existente sobre o assunto abordado, nesse caso, “A importância da afetividade na Educação infantil para o aprendizado das crianças”.

Como referencial teórico sobre a Educação Infantil e a infância, foram utilizados autores como Oliveira (2002), Machado (2002), Martinez e Pederiva (2014) e a Lei de Diretrizes e Bases, LDB 9.394, que desenvolve estudos mais aprofundados e auxiliaram na reflexão e escrita sobre as fases da infância e do desenvolvimento na Educação Infantil.

Para o referencial sobre a afetividade na aprendizagem das crianças, foram estudados os autores, Henri Wallon (1962), Jean Jacques Rousseau (1778), Johann Pestalozzi (1827), Lev Vygotsky (1934) e Oliveira-Formosinho (2008). A partir da visão desses autores sobre a afetividade é realizada a abordagem histórica, sendo apontada a importância destas perspectivas na aprendizagem e como está sendo tratada nos dias atuais dentro das salas de aula da Educação Infantil.

Como estudo prático foram realizadas observações e uma entrevista com a professora regente da turma de Educação Infantil em uma escola particular de Brasília, tendo como objetivo compreender a afetividade dentro da sala de aula, nas relações professor-aluno e aluno-aluno.

As observações foram realizadas no período de quatro dias com anotações diárias, durante o horário de aula no turno da manhã. E a entrevista com a professora regente, foi realizada ao final desses quatro dias, foram cinco perguntas efetuadas.

- 1-De que forma a afetividade influencia na aprendizagem das crianças?
- 2-Você acha que a afetividade para com a criança é fundamental ou é algo que não tem importância para o processo de aprendizagem?
- 3-Como você impulsiona as relações afetivas em sala de aula?
- 4-De que forma as relações afetivas são constituídas em sua sala de aula?
- 5-O que eu não perguntei, mas que você acha importante ser acrescentado?

## 5. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Neste último capítulo são apresentadas as observações em uma turma da Educação Infantil de uma escola particular de Brasília. Foram analisados os momentos afetivos na relação professor-aluno e relação aluno-aluno com base na discussão sobre a importância dessas interações na aprendizagem das crianças.

A escola pesquisada atende a partir da Educação Infantil ao Ensino Médio e a turma em que foram realizadas as observações é o Pré II, com 22 crianças entre 5 e 6 anos. A escola tem uma ótima estrutura, é inclusiva e com salas de recursos. As observações foram feitas em 4 dias no período matutino.

Foi escolhida essa escola por ser um ambiente acolhedor, com muitas turmas infantis e reputação muito boa. Existem diversos projetos na escola, tais como: “Projeto pede planta” em que os alunos e professores plantam suas árvores, “Projeto literário” cujos alunos levam livros para casa e leem com os pais e respondem questionários, entre outros.

A seguir serão exibidos os relatos, a entrevista feita com a professora e as análises das observações com os alunos da Educação Infantil.

### 5.1 Observações das aulas

Todos os dias na hora da chegada das crianças, as professoras se posicionam para recebê-las sempre com beijos e abraços. Cada criança carrega sua mochila, coloca no lugar marcado e já entrega suas agendas para as professoras.

#### ✓ 1º dia

A professora iniciou falando sobre o calendário e passou no quadro seis palavras que começam com a letra “p” para os alunos escreverem no caderno e depois fazerem um desenho representando essas palavras. Enquanto a atividade era desenvolvida pelos alunos, a professora passava de mesa em mesa elogiando, ajudando e ensinando com calma e paciência.

Havia uma aluna triste e chorosa porque os pais haviam viajado e deixado ela sozinha com a avó. A professora elogiou o caderno e o desenho dela, conversou dizendo que eles voltavam em breve e que ela é uma princesa muito inteligente, que não tinha necessidade de ficar triste.

Após essa atividade as crianças lancharam e enquanto comiam a professora colocou vídeos infantis com músicas e todos comeram tranquilos e sem agitação.

Esses vídeos foram projetados no quadro através do IPAD da professora. Todos os alunos possuem seus IPAD's e algumas atividades são feitas através dele, pois tem livros didáticos e jogos pedagógicos instalados em cada um.

Após o lanche começou o momento IPAD. É o momento em que as crianças usam o seu equipamento para brincar ou fazer alguma atividade direcionada. Nesse dia a professora deixou os alunos livres, fora da sala de aula, para brincarem da forma que quisessem. Percebi uma boa interação entre as crianças, com socialização de jogos e respeito pela vontade do outro.

Era o dia da árvore e os alunos foram com a professora para o lado de fora da escola, observar algumas árvores. Formaram uma fila e todos prestaram bastante atenção no que a professora falava.

Todos os dias a professora escreve na agenda dos alunos, com recadinhas carinhosas, adesivos e informações aos pais e solicita que os mesmos assinem mostrando que estão cientes dos acontecimentos. Segundo ela, os pais são bem parceiros, gostam do trabalho dela e apenas 3 famílias são um tanto quanto ausentes do andamento da escola e não participam ativamente da de seus filhos.

### ✓ 2º dia

A primeira aula (disciplina) do dia é Língua Inglesa, a professora não demonstra tanta afetividade em relação aos alunos, só conversa com as crianças em língua estrangeira. Ela passou duas atividades que foram concluídas por todos os alunos com rapidez. Logo depois ela liberou o IPAD para eles jogarem. Alguns jogaram sozinhos e outros jogaram com os colegas.

Na hora da merenda a turma desceu para o pátio com a professora regente da turma e fizeram um lanche coletivo. Cada aluno levou o que a professora tinha designado: presunto, queijo, alface, tomate, pão e requeijão. Todos os alunos comeram com as coisas que gostavam e quantas vezes quiseram.

Toda sexta-feira os alunos escolhem um livro de histórias infantis e levam para casa. A intenção da atividade é que os alunos leiam o livro com os pais e respondam a ficha literária que a professora encaminha junto. Ela anota o nome do

livro de cada aluno num plano de controle que ela tem e na segunda-feira pega os livros de volta. Isso faz partedo “Projeto Literário” desenvolvido pela escola.

### ✓ 3º dia

O primeiro assunto do dia é sobre a Savana. A professora passou uma atividade em que os alunos colam no caderno os animais pertencentes a esse tipo de lugar.

Depois a professora passou um vídeo explicativo, infantil, sobre a Savana também. Logo que eles terminaram a atividade, a professora de Língua Inglesa entrou na turma e passou uma atividade no EnglishBook (livro de inglês) e deixou-os cantarem “Maria roubou pão na casa do João” em inglês.

Uma das alunas queria impor quais nomes os outros alunos iriam indicar para continuar a brincadeira, depois disso, alguns alunos reclamaram e a professora pediu para que a aluna não fizesse mais isso e deixasse os colegas livres para escolher quem quisessem.

Quando a aula acabou os alunos do período integral foram almoçar e os outros ficaram na sala esperando os pais.

### ✓ 4ºdia

É sexta-feira e teve uma festa de aniversário de uma das alunas. Quando voltaram para a sala de aula, a professora entregou o livro do Projeto Literário e os alunos ficaram livres para brincar com os brinquedos que eles levaram de casa e jogos no IPAD. Foi tudo livre e eles podiam interagir da maneira que achassem melhor.

Eles dividiram os brinquedos, tanto os meninos quanto as meninas, sem divisão de gênero e todos brincaram juntos. Tinha um grupo de três meninas brincando de maquiagem, pintar a unha e arrumar os cabelos, outro grupo de três meninos brincando de lego, de Barbie, super-heróis e etc. Alguns cansavam e procuravam outra brincadeira como jogos no IPAD, parquinho, ou ficavam desenhando. Na maior parte do tempo a interação entre elesacontecia.

A professora sentou algumas vezes com alguns grupos de crianças que a chamavam para mostrar algum brinquedo ou alguma ideia que tiveram para a brincadeira. Brincava um pouco e depois passava em outros grupos para ver como

estavam as brincadeiras, se tinha algum aluno sendo excluído, se todos estavam se divertindo e interagindo.

## 5.2 Reflexões sobre as observações

Percebi ao longo desses dias que a professora é firme em seu posicionamento, carinhosa e sabe lidar com cada um de seus alunos. Sabe de suas limitações enquanto educadora e das possibilidades de aprendizado dos educandos e respeita cada um com suas características e dificuldades.

Ela elogia quando precisa, chama atenção sem ser ríspida e não é autoritária. Isso ajuda na tranquilidade da turma, pois são todos muito tranquilos, carinhosos entre si e com todos que se aproximam da turma.

Para Oliveira-Formosinho (2008, p.136):

[...] o educador necessita um saber fazer que, por um lado, reconheça a “vulnerabilidade” social das crianças e, por outro lado, reconheça suas competências sócio-psicológicas que se manifestam desde a mais tenra idade [...].

A aprendizagem deles é significativa e percebi isso quando vi que todos sabem escrever várias palavras com letra cursiva, o que é normal aprender somente no 1º ano do Ensino Fundamental I.

A interação entre os alunos é muito boa também. Durante as brincadeiras eles dividem os brinquedos, o IPAD e chamam os demais alunos que algumas vezes se isolam para brincar.

A interação entre eles acontece o tempo todo. Estão sempre conversando sobre todos os assuntos. Desde brincadeiras e jogos até coisas do dia-a-dia que acontecem dentro de casa. Ajudam-se bastante também, coisas como amarrar o cadarço, emprestar um lápis de cor e etc. Tanto os meninos quanto as meninas brincam de lego, boneca, carrinhos, super-heróis entre outros.

Existe um menino deficiente auditivo na turma, ele usa aparelho no ouvido, se comunica através da fala, que precisa ser pausada para conseguir entendê-lo, mas a comunicação é possível. A professora fez um trabalho inclusivo com os alunos no início do ano letivo e isso fez com que todos os colegas o ajudassem sempre que necessário e não o excluísse de forma alguma. Ele está sempre brincando com todos da turma, é bastante inteligente.



A professora está sempre exaltando as qualidades dos alunos, tanto individualmente quanto coletivamente. Manda recadinhos para os pais e para os alunos todos os dias e aguarda o retorno da família. A parceria entre família/escola é mútua e isso ajuda muito no trabalho em sala de aula, conforme o relato da educadora.

E para Oliveira- Formosinho (2008), a criança se apresenta como um projeto que já tem um conjunto de necessidades de todos os tipos e a escola em parceria com a família constitui o papel primordial da resolução do desenvolvimento delas.

Todos os alunos a chamam de tia, inclusive os pais e ela mesma se nomeia dessa forma. O questionamento que trago é: será que é correto a professora se automear de tia e deixar com que os alunos a chamem assim? Essa é uma das formas de afeto necessária dentro da sala de aula?

### 5.3 Entrevista

Foi realizada uma entrevista com a professora regente da turma observada. Quando questionada sobre a forma que a afetividade influencia na aprendizagem das crianças ela respondeu que sem afetividade a aprendizagem não acontece. Essa afetividade vem a partir da escolha da profissão e por amar a sua, ela acredita que o trabalho dela se torna muito mais fácil e prazeroso, fazendo com que as crianças obtenham uma aprendizagem significativa.

Ela ressalta que é importante conversar, ouvir, abraçar, ter carinho para que a criança se sinta em casa e para que o professor conheça a realidade do aluno e possa trabalhar em cima disso. Isso se encaixa na fala de Oliveira-Formosinho (2008, p.133):

O conceito de profissionalidade docente diz respeito à ação profissional integrada que a pessoa da educadora desenvolve junto das crianças e famílias com base nos seus conhecimentos, competências e sentimentos, assumindo a dimensão moral da profissão.

Em relação ao que ela fez para impulsionar a afetividade dentro da sala de aula, foi dito que a partir do diálogo e de projetos ela tenta fazer com que os alunos sejam uns com os outros da mesma forma que ela é, afetuosa. Respeitando os limites e o espaço de cada um ela propôs estratégias de convivência como, respeitar

o espaço e o tempo do próximo. Um dos projetos trabalhados por ela para promover a afetividade das crianças são as histórias infantis, em que trata de problemas que estão ocorrendo em sala de aula. Por exemplo, a mentira foi um dos problemas enfrentados, então ela levou histórias sobre essa temática.

Ela diz também que com esses projetos e estratégias pedagógicas, todos na escola, os pais e inclusive a própria educadora, percebem o quanto a turma dela é unida. Os alunos se gostam muito, lembram uns dos outros, sentem falta daqueles que não estão presentes, e isso, no início do ano letivo não era assim. Ela diz que eles brigavam muito, não se respeitavam e tinham diversos tipos de problemas, situações inexistentes hoje em dia.

Questionada sobre o que achava importante acrescentar na entrevista, ela diz que uma das principais preocupações dela é o fato da criança perder essa afetividade que tem na Educação Infantil quando passa para o Ensino Fundamental. Para ela essa quebra de afetividade é algo ruim para a criança e a aprendizagem pode não ser mais tão significativa assim. Ela achou isso um ponto relevante a ser comentado.

Olveira-Formosinho (2008, p. 137) diz que existe uma diferença entre professores da Educação Infantil e os professores do Ensino Fundamental:

[...] há na educação de infância uma interligação profunda entre educação e 'cuidados', entre função pedagógica e função de cuidados e custódia, o que alarga naturalmente o papel da educadora por comparação com o dos professores de outros níveis educativos.

Percebi que a professora sempre chega à conclusão de que a afetividade é algo indispensável na Educação Infantil e na vida de todos. As respostas dela para as perguntas feitas por mim condizem com a realidade observada e sua turma é bastante unida. Conforme segue abaixo:

***“Eu vejo a afetividade como o ponto chave. Sem a afetividade não funciona. O afeto começa pelo próprio professor. Quando escolho minha profissão eu tenho que ter amor pelo que eu escolhi, afeto por essa profissão. A partir do momento que eu tenho amor pelo que eu escolhi, se torna tudo mais prazeroso e mais fácil... Se eu tenho amor pela minha profissão meus alunos vão ter um desenvolvimento diferenciado... Eu tenho que perceber meu aluno não é só conteúdo, tenho que perceber que ele é além dos conteúdos.***

***Tem que ter emoção, carinho e enxergar além... Eu acho que a afetividade é tudo. A afetividade é a base da sala de aula. Um professor sem afetividade é seco, não vai conhecer e entrar na realidade do aluno, não vai conseguir atingir os objetivos dele.”***

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O afeto é universal e fundamental na vida dos seres humanos. Sentir afeto por outras pessoas e recebê-lo é importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional durante toda a vida.

Entender que sem o afeto dos professores para com os alunos, a aprendizagem das crianças se torna algo mecanizado e causa desprazer, o objetivo é incentivar neles o interesse e a vontade de aprender.

Ao observar algumas aulas em uma escola e entrevistar uma professora da Educação Infantil, foi possível perceber que a afetividade proporciona uma aprendizagem significativa e sem ela o aprender não acontece.

É através da afetividade entre professores-alunos e alunos-alunos que as crianças obtêm aprendizados e conseguem desenvolver o lado emocional e cognitivo de forma que se tornem cidadãos autônomos e críticos.

Através da observação foi possível perceber que a afetividade está presente na aprendizagem dos alunos e na forma de ensinar da professora da Educação Infantil, e isso faz com que eles consigam trabalhar em conjunto, sem imposição, tornando o ensino produtivo e a escola um lugar divertido.

### **PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Tendo em vista a minha formação e meu interesse na área de Psicologia pretendo fazer da minha trajetória acadêmica uma escola para me ajudar na formação de Pedagoga com atuação em Psicopedagogia.

Sentirei falta da vida de universitária e das amizades que construí ao longo do curso, porém, após concluir a graduação em Pedagogia pretendo continuar estudando. Quero fazer pós-graduação em Psicopedagogia e passar em um concurso público para obter estabilidade financeira e constituir uma linda família.

Assim que possível quero abrir uma clínica especializada para atender e ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem e que não tem condições financeiras para ter acompanhamento pedagógico, principalmente com aquelas marginalizadas e que não tem incentivo da família, ou que não tenham família.

Meu objetivo de vida profissional e pessoal é sentir-me realizada fazendo a diferença e ajudando ao próximo, melhorando o que eu puder na Educação Básica e na sociedade, seja como professora, psicopedagoga ou como cidadã.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Z. R. D. A construção social da criança. In: OLIVEIRA, Z. R. D. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 1ª Edição. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 7, 8 e 9, p. 121-151.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Os profissionais de educação infantil: formação, atuação e perspectivas. In: MACHADO (ORG.), M. L. A. **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 3ª Edição. ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. Parte II, p. 107-133.

PEDERIVA, A. P. D. A. M. E. L. P. Que é um divino mistério profundo. In: PEDERIVA, A. P. D. A. M. E. P. L. M. **Eu fico com a pureza das respostas das crianças: a atividade musical na infância**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. Cap. 3, p. 85-98.

RODRIGUES, S. A. **Afetividade e Educação Infantil: O olha Walloniano**. IX Congresso Nacional de Educação. Paraná: PUCPR. Outubro 2009. p. 6755-6767. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2128\\_1451.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2128_1451.pdf). Acesso em: 15 out. 2015.

SOUSA, T. R. **As concepções das crianças da Educação Infantil sobre violência: um estudo a partir da psicologia e psicanálise**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Dissertação de Mestrado. 100 f. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15567>. Acesso em: 15 out. 2015.

TAVARES, M. A. M. E. H. M. A Afetividade: O fio condutor na Educação Infantil. **Revista Católica**, Vol.2, n. 4, jul./dez. 2010. Disponível em: Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/20-pedagogia.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

TOSATTO, C.; PORTILHO, E. M. L. A criança e a infância sob o olhar da professora da Educação Infantil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 153-172, jul./set. 2014. ISSN 0102-4698. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014000300007>. Acesso em: 15 out. 2015.

TREVISAN, G. D. P. Amor e afectos entre crianças- A construção social de sentimentos na interação de pares. In: DORNELLES(ORG.), L. V. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis RJ: Vozes, 2007. Cap. 2, p. 41-67.